

Tempo conquistado

• Uma visão pessimista condena os últimos 20 anos do século XX. Teríamos perdido duas décadas. Há erros nesta visão: de enfoque, de dados, de análise. Na sofrida década de 80, o Brasil conquistou a democracia. Na tumultuada década de 90, fez uma revolução econômica. Todos os indicadores sociais melhoraram, todo o acesso a bens e serviços se ampliou. Ganhamos as décadas.

A visão derrotista está baseada num fato histórico: o Brasil cresceu de forma acelerada durante os primeiros 80 anos do século. Foi uma das economias mais pujantes do mundo no período. Em 82, batido pela crise da dívida, a máquina de crescimento engasgou. Começou então uma longa provação econômica. O brasileiro passou por uma lista que parecia interminável de dissabores. Enfrentou uma superinflação que virou doença crônica; conheceu a recessão; foi surpreendido por choques econômicos; foi chamado de caloteiro internacional; virou cobaia de experimentalismos ortodoxos e heterodoxos; viu crescer o desemprego; teve seus contratos rasgados; foi submetido a um injusto sistema tributário que saqueia a classe média e é tímido com o grande capital. Depois de tudo a suprema violência: teve seu dinheiro seqüestrado por um governo desajustado.

O espantoso é que com isto o Brasil tenha feito tudo o que fez nos últimos anos. As transformações de 80 e 90 são de conceito, de projeto, de valores. São mudanças na estrutura do país e da sociedade. Mas quem prefere números os terá de sobra para mostrar que avançamos no tempo das dificuldades. E nele lançamos pedras fundamentais para a construção do século XXI.

Os saudosistas costumam dizer que o Brasil era risonho e franco nos anos 50. Era não. O percentual de brasileiros analfabetos era maior. E analfabetos eram também cidadãos sem voto. As mulheres estavam fora do mercado de trabalho. Mais crianças morriam. O brasileiro vivia menos. Os serviços essenciais eram negados à maioria da população.

Os saudosistas também dizem que em 70 o Brasil era mais forte economicamente. Era não. O crescimento foi construído de forma tão autoritária quanto era o regime político da época e seu custo foi pago nos anos seguintes.

Há quem diga que pelo menos naqueles duros anos 70, o Brasil era uma sociedade com alto grau de mobilidade social; virtude perdida com a queda do ritmo de crescimento econômico. Os professores José Pastore e Nélson do Valle Silva, comparando dados de 96 com os de 73 fizeram o retrato social do Brasil: o país continua tendo alta mobilidade social e é uma sociedade ainda mais dinâmica.

Qualquer olhar de relance nos dados revela o quanto o Brasil melhorou nas duas décadas que se pretende terem sido perdidas. Ganhamos as décadas, por exemplo, no que é mais essencial para o ser humano: a vida! Em 78, o brasileiro vivia 58 anos; em 89, 65 anos; em 98, 68 anos. O brasileiro ganhou dez anos de

vida nas duas décadas. Em cada mil crianças, 69 morriam antes de completar um ano em 80. O número caiu para 49 em 89 e 36 em 98. Reduzimos à metade o flagelo das mortes prematuras.

Houve ampliação de todos os serviços essenciais. O percentual da população com luz elétrica, telefone, água encanada, saneamento básico ampliou-se em todas as regiões do país. Foram as décadas do acesso aos bens de consumo em todas as faixas de renda. Os números são espantosos e conhecidos. Na educação, nosso pior quadro, avançamos também: o analfabetismo caiu de 25% para 14% em duas décadas. O número de crianças matriculadas no ensino fundamental foi de 22 milhões para 35 milhões nas décadas que supostamente perdemos. No ensino médio, o número pulou de 2,8 milhões para 7 milhões de alunos.

E fizemos nas duas décadas duas revoluções, uma política, outra, econômica. A democracia foi uma conquista cara. Nossos mortos são o testemunho do alto preço pago. Considerar perdida a década em que recuperamos a liberdade é fazer pouco do mais alto valor político de uma nação.

Os anos 90 começaram com impasses e erros na área econômica. A hiperinflação estrangulava o país. A economia fechada produzia bens caros e obsoletos. Austeridade fiscal era um valor desprezado, como se fosse um capricho de meia dúzia de fanáticos. A presença do Estado na economia se estendia de forma espalhafatosa. Ele fabricava aço e gerenciava hotéis. Sempre com a mesma incompetência. Nos anos 90, o Brasil abriu seu mercado, privatizou e estabilizou a economia. Sobretudo, o Brasil mudou seus valores econômicos.

Durante décadas o Brasil achou que a inflação era necessária ao crescimento, e foi leniente com seus efeitos perversos. A moeda virou uma aberração. O Departamento de Meio Circulante do Banco Central tem esta história registrada em gerações e gerações de cédulas que eram lançadas a cada seis meses e cujo valor se dissolvia enquanto eram impressas na Casa da Moeda.

As principais conquistas das duas décadas foram consolidadas nos anos 90. A democracia confirmou-se no impeachment do primeiro presidente eleito pelo voto direto. Tirou-se o presidente e preservou-se o sistema político. E a estabilização confirmou-se na desvalorização da moeda. Mudou-se a política cambial e consolidou-se a estabilidade monetária.

Há muito a fazer nos próximos anos. Em todos os campos há batalhas. Mas travá-las só é possível pelo que ganhamos nas décadas de 80 e 90. Não haveria futuro, sem este acerto com o passado.